

O papel da prosódia na organização dos constituintes prosódicos e sua importância na realização de sândi vocálico externo na leitura

Camila Tavares Leite
UFMG/CAPE
Belo Horizonte - Brasil
ctlcamila@yahoo.com.br

Ceriz Graça Bicalho Cruz Costa
UFMG/CNPq
Belo Horizonte - Brasil
cerizbcosta_2000@yahoo.com.br

Resumo — A forma como a leitura de um texto é realizada pode modificar a maneira como o leitor organiza o texto prosodicamente, mais especificamente, com relação aos sintagmas entoacionais. Tal organização, somada à velocidade de leitura efetuada pelo sujeito, aponta para uma maior ou menor ocorrência, no caso deste trabalho, de sândi vocálico externo. Essa pesquisa trata da relação existente entre a velocidade de leitura, organização prosódica e os eventos de sândi vocálico externo. Realizamos um experimento piloto, a partir do qual já foi possível confirmar nossas hipóteses e apontar questionamentos para a continuação do trabalho.

Palavras-chave – prosódia, constituintes prosódicos, sândi vocálico externo, leitura

I. INTRODUÇÃO

As bordas de palavras são contextos nos quais ocorrem muitos dos processos fonológicos, como por exemplo, o apagamento de segmento ou a reestruturação silábica. Os fenômenos de sândi (degeminação, ditongação e elisão) ocorrem quando palavras concatenadas em uma frase sofrem modificações. Conforme estudos tradicionais, (veja, por exemplo, [1] [2] [3] [4] [5] [6] [7] [8] [9] [10] [11] [12] [13] [14] [15]), em tais fenômenos há o desaparecimento de um segmento ou de uma sílaba e uma conseqüente ressilabação. Todo esse processo pode alterar a organização dos constituintes prosódicos feita tanto durante a fala quanto durante a leitura, se estas forem também modificadas com relação à sua velocidade e ao seu objetivo.

Segundo Nespor & Vogel (1986) [16], os constituintes prosódicos se relacionam hierarquicamente entre si e definem a organização fonológica de uma língua. Partindo da menor unidade prosódica (sílaba) até o nível mais alto da hierarquia prosódica, a ordem é aquela apresentada na FIG 1.

O sintagma entoacional é o constituinte prosódico que interessa particularmente ao presente estudo, uma vez que o texto utilizado no experimento foi segmentado em sintagmas entoacionais. A identificação dos sintagmas entoacionais parece estar relacionada ao que o ouvinte percebe como pausa.

Mira Mateus (2004) [17] apresenta diferentes conceitos de prosódia, entre os quais, se destaca o retirado do *Dicionário de*

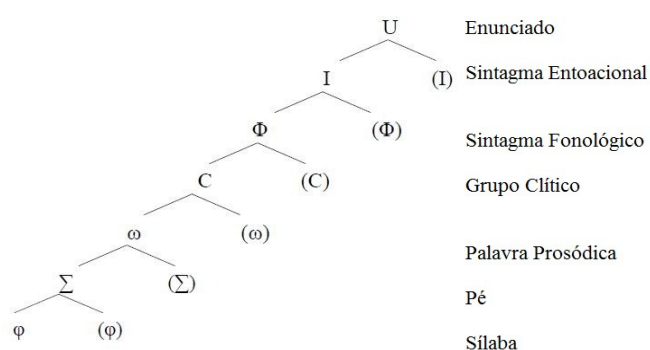


FIG 1: Hierarquia prosódica

Termos Lingüísticos que se adequa ao que o presente estudo propõe: prosódia é o “estudo da natureza e funcionamento das variações de tom, intensidade e duração na cadeia da fala”. Tom, intensidade e duração são propriedades inerentes ao som.

Essas propriedades do som são usadas com diversos objetivos: a) para marcar os *limites das unidades* (o acento pode indicar o fim ou o início da palavra; a curva de entoação pode igualmente marcar os limites de unidades prosódicas); b) para criar *oposições distintas* (a duração de uma sílaba pode ter valor distintivo, como por exemplo, em latim ou em inglês); c) para distinguir *significados globais* de construções fráscas (a entoação é usada frequentemente para diferenciar uma interrogação de uma afirmação, por exemplo; neste caso pode-se dizer que a entoação tem valor distintivo).

De acordo com Ladd (1996) [18], na Fonologia Autossegmental, norteadora desta pesquisa, a entoação é analisada fonologicamente com a finalidade de identificar os elementos contrastivos do sistema entoacional. A combinação desses elementos é que produz os contornos melódicos encontrados nos enunciados possíveis na língua. Essa teoria propõe dois eventos tonais: a) acentos tonais (*pitch accents*), b) tons de fronteira (*edge tones*). Os primeiros se relacionam à proeminência acentual, enquanto os últimos estão associados a fronteiras de sintagmas entoacionais. A análise entoacional é importante para a presente pesquisa porque possibilita a

identificação, com maior acuidade, dos sintagmas entoacionais realizados pelos sujeitos, além de permitir comparações, inter- e intra-sujeitos, mais confiáveis.

Com relação à juntura vocálica, é sabido que os processos de sândi afetam as sílabas, portanto, torna-se relevante entender sobre o constituinte silábico já que serão tratados fenômenos em que há a reestruturação no nível da sílaba. Quando palavras são concatenadas, fenômenos acontecem. São denominados fenômenos de sândi as modificações que resultam da justaposição de palavras (sândi externo) ou de morfemas (sândi interno). O ponto de partida do sândi externo é um processo de desestruturação silábica que “apaga” uma sílaba ou segmento e deixa elementos flutuantes. Todos os fenômenos de sândi lidam com a ressilabação, ou seja, com elementos que tinham *status* silábico e por algum motivo o perderam. Há, neste caso, uma mudança na estrutura do constituinte prosódico ([19]).

De acordo com Cagliari (2002) [20]

o sândi é um fenômeno que ocorre nas fronteiras da palavra (juntura vocálica). Consiste na transformação de estruturas silábicas nesse contexto, causada, em geral, pela queda de vogais ou pela transformação de ditongos ou mesmo pela ocorrência peculiar de certos sons. (p.105)

O sândi vocálico externo pode ocorrer como nos exemplos:

- (1) é com[u] [e]u gostaria de educá os meus filhos
é com[ew] gostaria de educá os meus filhos
(ELISÃO)
- (2) as potencialidades DESs[í] [í]spaço
as potencialidades DESs[i]spaço
(DEGEMINAÇÃO)
- (3) tem sid[u] [a] escola
tem sid[wa] escola (DITONGAÇÃO)

A leitura de um texto previamente selecionado, conforme Abaurre (2007) [11], “possibilita um maior controle das diferenças entre as escolhas, feitas pelos informantes, por implementar ou não, nos diferentes contextos, os acentos secundários e os processos de sândi vocálico”. No texto utilizado no experimento¹, a sequência que possibilita fenômenos de sândi está alocada em diferentes posições na sentença, ocupando assim, diferentes níveis prosódicos. Isso é importante para que seja observada a realização desses fenômenos em diferentes níveis.

Vidal e Frota (2007) [21] observaram a influência da entoação na compreensão do discurso em grupos de crianças com desenvolvimento normal e com atraso de desenvolvimento da linguagem. As autoras avaliaram respostas dadas a histórias ouvidas com três diferentes tipos entoacionais (entoações exagerada, normal e aplanada). Verificaram que a variação de F0 influencia de várias formas a

compreensão. Por exemplo, o texto lido com a entoação exagerada (discurso destinado a crianças) foi preferido pelas crianças com desenvolvimento normal com menor idade. Elas utilizaram a entoação como estratégia para uma melhor decodificação do discurso. Ainda neste trabalho, as autoras apresentam como característica de um discurso destinado a crianças, o fato de este discurso apresentar um menor número de palavras por frase, um maior número de repetições e expansões, melhor articulação e menor complexidade estrutural, além de uma prosódia particular, onde se verifica um nível de F0 globalmente elevado, uma gama de variação estendida e movimentos acentuados de F0, diminuição da velocidade do discurso, pausas mais longas e frases mais curtas.

II. PERGUNTAS DE PESQUISA E HIPÓTESES

Levando em consideração o exposto, foram levantadas algumas perguntas de pesquisa: a) que influência tem a diferença de velocidade de leitura na realização do sândi? b) qual é a influência da velocidade de leitura na organização dos padrões prosódicos, tais como a distribuição dos acentos tonais?

A partir dessas perguntas, elaboramos as seguintes hipóteses: a) quanto maior a velocidade de leitura, maior será o número de ocorrências de sândi, menor o número de sintagmas entoacionais e menor a variação de F0 dentro dos sintagmas entoacionais, b) a leitura destinada a crianças apresentará uma menor realização de sândi, um tempo maior de leitura e um maior número de sintagmas entoacionais.

III. OBJETIVOS

O objetivo geral dessa pesquisa é verificar o papel da prosódia na realização do sândi vocálico externo na leitura. Os objetivos específicos são: (i) verificar a influência da velocidade de leitura na realização do sândi, (ii) verificar a distribuição dos constituintes prosódicos, (iii) comparar a quantidade e similaridade dos sintagmas entoacionais, (iv) verificar a distribuição dos acentos tonais e de fronteira, (v) observar a organização temporal.

IV. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o propósito de testar as hipóteses e observar a realização do sândi e as diferentes organizações dos constituintes prosódicos, propomos um experimento no qual a variável independente é a velocidade de leitura e as variáveis dependentes são a quantidade de realizações do sândi em cada leitura, a quantidade de sintagmas entoacionais em cada leitura e a organização temporal de cada leitura.

¹ O texto utilizado no experimento versa sobre a lenda do açáí.
(Disponível em <http://contoselendas.blogspot.com/2004/12/aa.html>).

SUJEITOS

Participaram deste experimento cinco informantes do sexo feminino, pós-graduandas da Faculdade de Letras da UFMG.

CORPUS

O *corpus* foi constituído de três formas de leituras: a) velocidade natural do leitor (leitura1), b) velocidade rápida (leitura2), c) leitura destinada a crianças (leitura3), gerando um total de quinze leituras. A preferência pelo termo “velocidade” em detrimento de “entoação” se deve ao fato de as informantes não terem conhecimento específico sobre a terminologia da Fonologia Entoacional.

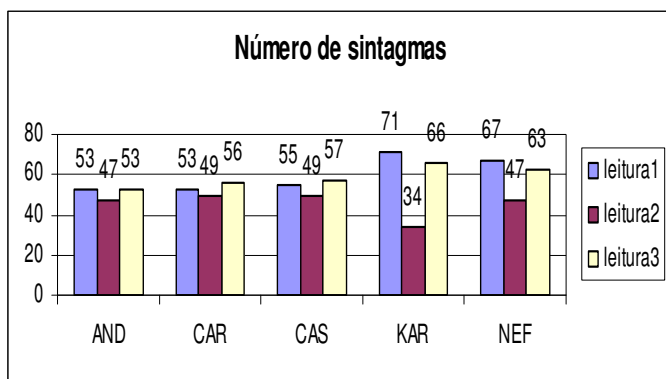
COLETA

Inicialmente, as informantes leram o texto várias vezes para que se familiarizassem com ele. Em seguida, as participantes leram o texto nas três velocidades propostas. As gravações foram feitas na cabine acústica do LABFON/FALE, em uma única sessão.

V. ANÁLISES E RESULTADOS

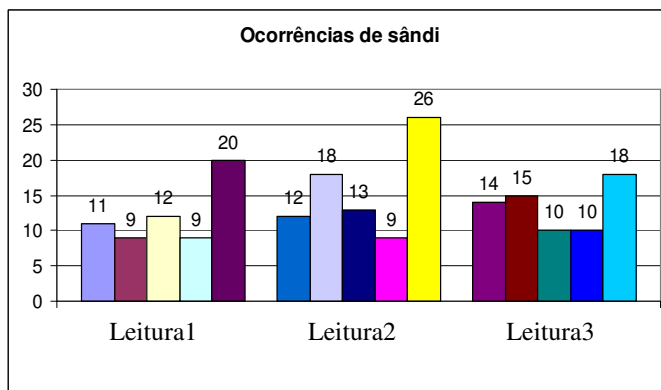
Com o auxílio do *software Praat*, versão 5.2.18, disponível em www.praat.org, as leituras foram segmentadas em sintagmas entoacionais [16] e foi feita uma grade de texto, para posterior análise, com as seguintes camadas: a) transcrição ortográfica dos sintagmas; b) sintagmas; c) tons; d) sândi vocálico externo. Foram calculadas as taxas de elocução e articulação e a tessitura.

Como ainda é um experimento em andamento, os resultados são parciais. Até o momento pudemos observar que, em relação ao número de sintagmas entoacionais, somente uma informante teve um comportamento substancialmente diferente. Ao compararmos os sintagmas realizados pelos sujeitos nas três leituras, verificamos que na leitura1 houve dezenove sintagmas iguais², na leitura2, cinco sintagmas iguais e na leitura3, dezoito sintagmas iguais.

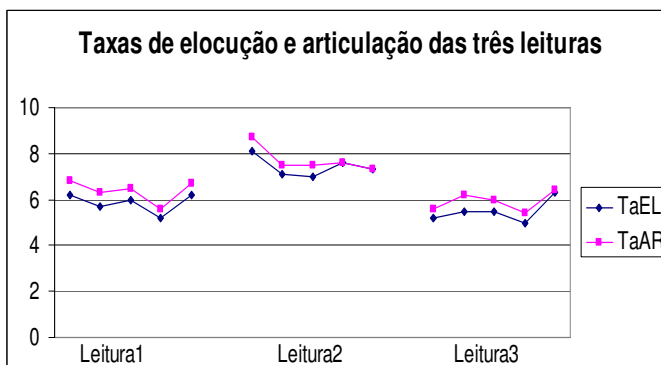
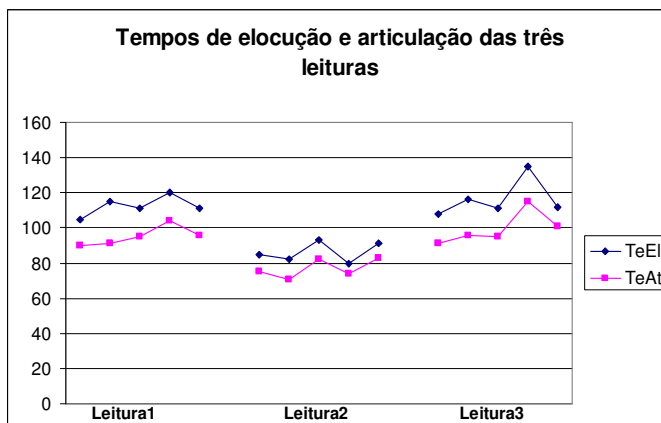


² Chamamos “sintagmas iguais” aqueles que são compostos pelas mesmas palavras, e.g., [há muito tempo atrás] – todas as informantes realizaram essa formação de sintagma.

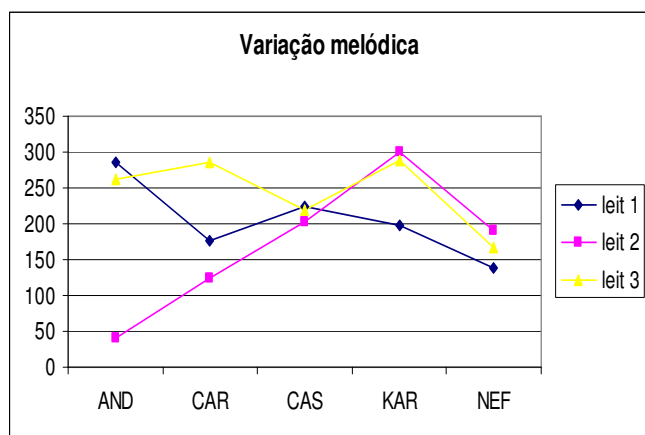
Houve uma variação grande na quantidade de ocorrências de sândi, principalmente na leitura 2.



Com relação aos tempos e às taxas de elocução e articulação, observamos que as taxas não apresentam diferenças substanciais.



Na comparação inter-grupos, a maior variação melódica ocorreu na leitura2, enquanto na comparação individual, somente uma das participantes apresentou uma variação melódica substancial.



VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das diferentes leituras realizadas pelos sujeitos, é possível observar que a velocidade de leitura e a entoação realizada são fatores que influenciam a realização do sândi e a organização dos constituintes prosódicos. A prosódia influencia, como verificado, o nível segmental, já que pode fazer com que elementos não sejam realizados foneticamente, influencia, como verificado, o nível segmental, já que pode fazer com que elementos não sejam realizados foneticamente, ou seja, a prosódia influencia o nível melódico. Em contrapartida, o nível melódico tem de se reorganizar e também influencia o nível prosódico, já que há, por exemplo, uma ressilabação. Acreditamos que ao final, quando tivermos analisado e cruzado todos os dados, estaremos dando um passo importante para compreendermos o papel dos elementos da prosódia na realização da juntura vocabular na leitura. Pretendemos também, como desdobramento futuro, verificar o comportamento dos processos de sândi vocálico externo sob outras ópticas, como por exemplo, a Fonologia Articulatória.

REFERENCES

- [1] BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.23, p.83-101, Campinas, julho/dezembro, 1992a.
- [2] BISOL, Leda. Sândi vocálico externo. In: Bisol (Org.). *Gramática do Português Falado*, v.2, p.21-38, 1992b.
- [3] BISOL, Leda. O acento e o pé binário. In BISOL, Leda (org.). *Letras de Hoje*. Porto Alegre. V.29, n.4, p.25-36, dezembro de 1994.
- [4] BISOL, Leda. Sândi externo: o processo e a variação. In KATO, Mary (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo, FAPESP, 1996a.
- [5] BISOL, Leda. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, v.31, no. 2, p.159-168, Porto Alegre, junho 1996b.
- [6] BISOL, Leda. Os Constituintes Prosódicos. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª. edição, p. 229-241. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- [7] BISOL, Leda. A Degeminação e a Elisão no VARSUL. In: BISOL L.; BRESCANCINI C. (Orgs.). *A Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre, 2002.
- [8] BISOL, Leda. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus* 15, p. 177-200, 2003.
- [9] ABAURRE, Maria Bernadete M. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, v.31, no. 2, p.41-50, Porto Alegre: junho 1996.
- [10] ABAURRE, M. B., GALVES, C. C. & SCARPA, E. A Interface Fonologia-Sintaxe. Evidências do Português Brasileiro para uma Hipótese Top-Down na Aquisição da Linguagem. In: SCARPA, E. (Org.). *Estudos de Prosódia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- [11] ABAURRE, Maria Bernadete. Reflexos segmentais da organização rítmica do português do Brasil. In Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística. Thaís Cristóforo Silva e Heliana Mello (orgs.). Belo Horizonte: FALE/UFMG, p.135-154, 2007.
- [12] TENANI, Luciani. O efeito da eurrítmia e a degeminação. *Estudos Lingüísticos* XXXIII, p.928-932. 2004.
- [13] TENANI, Luciani. Considerações sobre a relação entre processos de sândi e ritmo. *Estudos da Língua(gem)*. no3. p.105-122. Vitória da Conquista, junho 2006a.
- [14] TENANI, Luciani. Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. *Estudos Linguísticos* XXXV, p.118-131, 2006b.
- [15] TENANI, Luciani. Acento e processos de sândi vocálico no português. In: ARAÚJO, G. (Org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Editora Parábola, 2007.
- [16] NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Foris: Dordrecht, 1986.
- [17] MIRA MATEUS, Maria Helena. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. Encontro sobre **O Ensino das Línguas e a Lingüística** APL e ESE de Setúbal 27 e 28 de Setembro de 2004.
- [18] LADD, D.R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- [19] HARRIS, John; WATSON, Jocelyne; BATES, Sally. Prosody and melody in vowel disorder. *Journal of Linguistics* 35 (3). pp 489-525, 1999.
- [20] CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Coleção Idéias sobre Linguagem. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- [21] VIDAL, Maria M. & FROTA, Sônia (a aparecer). Influência da entoação na compreensão do discurso em crianças com desenvolvimento normal e atraso de desenvolvimento da linguagem. In: *Revista Re-Habilitar*, ESSA, 2007.